

o mergulho luminífero

António abre os olhos e a secura da sua língua confunde-se com o tecto branco da sua roulotte. Acorda vestido, mais uma vez, e não se lembra como acabou a última noite. O mais certo é ter cantado uma ou duas para os últimos que ficaram ao balcão - aqueles que bebem tanto como ele, os que acabam por arranjar chatices uns com os outros, os que tiram medidas precisas da rua ao regressarem a suas casas, onde acordam esposas e filhos ao embaterem no escuro contra as mesas, depois de terem entrado pelas janelas para não fazerem barulho.

António, alcunhado de Galucho por todos (por não saberem o seu nome ou desdenharem da sua figura), tem estacionada a sua roulotte num pequeno lote (cedido pelo sport clube da terra), mesmo por detrás da baliza poente, e caminha agora no seu interior, estremecendo-a, da cama para a mesa, onde um resto de branco no fundo da garrafa de vidro, isolada no tampo pela luz do meio-dia, chama por ele.

No banquinho desdobrado, enquanto trata da sua sede, lembra-se com clareza do sonho que tivera durante a noite. E isso causa-lhe uma sensação de incómodo e, ao mesmo tempo, de concretização. Tinha sonhado a solução para um enigma (ou teorema preciso) de uma vida que não era sua, mas que sentiu ter, de alguma forma, vivido. Porém era cedo demais para articular qualquer sentido ao que quer que fosse, e ainda por mais, não seria um sonho que o tiraria daquele lugar onde estava, onde o tinham posto, e ao qual ele já se tinha habituado. Ao fim ao cabo, era considerado um pobre coitado sem família, sem amores a registar, sem economias, um pau para toda a obra, mão de obra barata para tudo, preenchendo uma função essencial na comunidade, que o usava para

acalmar a mediocridade dos que a constituíam. Como que pedindo juízo a si próprio, levantou-se, então, como se tivesse muitas coisas importantes para organizar.

Galucho encontra ainda mais um branco de pacote, fora do pequeno frigorífico embolorado e, ainda a tentar localizar a posição do seu corpo naquele microcosmos com muito poucos objectos, lembra-se que tinha prometido dar um jeito como guindaste humano na obra do Amílcar filho, onde, seria certo e foi, passaria a tarde a elevar baldes de massa para a placa do telhado.

As horas passam na pequena terra. Quando dá por si, é final de tarde e já está como estava ontem – está exactamente igual. O seu quotidiano é pautado por muita vitamina no copo. O certo é que já ganhou para a bucha, e vai jantar sozinho: uma meia dose de choco frito que a cozinheira do sport clube confeccionou para ele, como faz todos os dias, não se sabe bem porquê: se por misericórdia ou por ele ser, na verdade, um funcionário (é Galucho que faz as marcações do campo com a cal – e não vale a pena reparos sobre a impressão da curvatura das linhas laterais, quando feitas a seguir ao meio-dia).

Está a morder o último raio de choco, na esplanada do clube, que dá para o nunca usado parque infantil, quando aparece Tobias que só gosta dele tinto, de cana na mão e mochila, todo preparado para ir à pesca ao fundo. E Galucho lembrou-se que tinha combinado ir com Tobias, porra, e já é noite, e a maré é de lua, perfeito!, e tem que se despachar, e até pode sacar, com um pouco de sorte, uns bons robalos ou até um safio. Se bem que não lhe importava tanto a pesca, mas sobretudo o convívio, de ouvir as ondas e o silêncio de Tobias, que era bem disposto mas não falava muito, ainda que a pesca fosse normalmente bem regada.

E estão já quase quatro garrafas do bom vazio e uma de medronho, e peixe nem vê-lo. Já passou da meia-noite e Galucho, depois de ter feito umas imitações lá

do mestre de obra, está agora a dar descanso a Tobias e conservam-se os dois em silêncio, protegidos pelo vento Nordeste, em frente ao Medão, maré quase cheia, mar a ficar picado. Tobias deve estar a pensar na mulher que morreu no ano passado, no vazio em que se tornaram os dias, logo no início da sua reforma. Desde então, raramente tem saído da sua quinta, tirando uma vez por mês para ir à pesca, sempre à noite.

Galucho, esse, embora habituado à dose, já está a começar a juntar os pontos de Balança. Fixa-se em Vega e logo desce o olhar até à tona de água. A fluorescência nas ondas que o plâncton e a pulga na sua agitação desenham fazem estalar na memória turva de Galucho o sonho da noite anterior, agora ainda com mais clareza. No sonho, um ambiente acéptico, onde cada coisa parece ter um lugar próprio (sim, como na sua roulotte, nos melhores dias). Máquinas, instrumentos. Não é um hospital, mas talvez seja um sítio de análises ou um laboratório. Sim, uma experiência que só pode ser científica, de grande importância e de que ele é responsável. Isso. E uma grande equipa confia-lhe o destino dessa experiência, que envolve luz e que por certo deve ter algum impacto tanto na compreensão do passado como do futuro. E nesse espaço mesmo à frente de si tem outro homem, que lhe ajuda nessa empreitada, com um nome que deve ser inglês – Edward Morley. O nome reverbera no seu crânio. E os dois são os responsáveis por aquilo. Estão compenetrados à espera de uma resposta e a tensão é crescente, mas são amigos, pelo menos tudo indica que sim. E por certo esta noite vai ter algum impacto, tanto na compreensão do passado como do futuro, alguma coisa vai mudar, pensa, quando, de repente, um silêncio, como uma frequência contínua de mar parado abate-se sobre si, como se a própria terra parasse ao mesmo tempo que uma onda, como se uma roleta de números luminescentes ao girar, abrandasse, abrandasse, e...

Galucho é puxado à força por Tobias para fora do mar. Sacudido, abre os olhos, cospe a água, e diz:

– A luz, a onda, a luz, a onda!

Bruno Humberto, Setembro 2019